

LIVRO RESENHADO:

MAINGUENEAU, DOMINIQUE. *DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO*. SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2015.

O PERCURSO HISTÓRICO E AS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Rafael Magalhães Angrisano
Doutorando – PPG em Estudos de Linguagens do CEFET-MG
rafaelangrisano@yahoo.com.br

O livro “Discurso e Análise do Discurso” de Dominique Maingueneau é um manual para os pesquisadores que se interessam pelo problema do discurso. Na obra, o autor faz um mapeamento por meio de um breve percurso histórico sobre o surgimento do campo do conhecimento da Análise do Discurso, permeando questões teóricas e metodológicas e sua relação com outras áreas das ciências humanas. São introduzidas certas temáticas e expostas questões clássicas da área, conceitos já debatidos pelo próprio Maingueneau e por outros autores. Também são propostas novas categorias analíticas que apontam para a manifestação dos novos discursos proporcionados pelas tecnologias digitais.

Maingueneau divide seu trabalho em três etapas. Em resumo, no primeiro momento são debatidos alguns elementos históricos e a definição de alguns termos, como a noção de discurso. Em seguida, são expostas as diferenças entre as unidades tópicas e não tópicas do discurso. Na última parte, são discutidos alguns elementos concernentes ao universo discursivo.

O primeiro tópico do livro relata como o espaço de pesquisa do discurso se firmou. Alguns nomes são citados como possíveis fundadores, tais como Goffman, Wittgenstein,

Foucault e Bakhtin, mas o autor deixa claro que apesar desses autores terem tido importantes papéis, são apenas parte de um imenso campo. Dessa forma, a história contada não é totalmente linear, no intuito de não ser restritiva. O termo “análise do discurso” foi introduzido primeiramente por Harris, que empregava o termo em um sentido estruturalista, pensando “análise” como uma decomposição do “discurso”. No entanto, as problemáticas que se relacionam com a Análise do Discurso de hoje apareceram na década de 60 na França, Inglaterra e Estados Unidos e na década de 80 se estabeleceram de modo global. O ajuntamento de trabalhos de autores como Goffman, que se debruçava sobre as representações dos indivíduos na vida cotidiana, os aportes estruturalistas (Lacan, Barthes, Greimas, Benveniste) e pós-estruturalistas (destaque para Foucault) e dos Estudos Culturais, a virada na filosofia da linguagem, com ênfase em Wittgenstein e nas correntes pragmáticas representadas por Austin, forneceram poderoso instrumental teórico. Na França, o grande salto se deu, então, com Pêcheux, que teve seus escritos influenciados por Foucault e Althusser. Após esse momento de fundação, Maingueneau afirma que a análise do discurso francesa se mescla com rapidez a três problemáticas: as correntes pragmáticas, as teorias da enunciação e a linguística textual. O destaque é dado para os trabalhos contemporâneos de Charaudeau, Moirand e os do próprio autor.

Após a introdução histórica, ainda na primeira parte, a preocupação passa a ser a de definir certos termos, como a noção de discurso, na linguística (três oposições clássicas são citadas – discurso e frase, discurso e língua, discurso e texto) e fora da linguística. São muitas as possibilidades para pensar o conceito de discurso: o discurso é uma organização além da frase – unidades transfrásticas; o discurso é uma forma de ação sobre o outro e não somente uma representação do real; o discurso pressupõe a interatividade; o discurso é contextualizado, há uma situação em que se insere; o discurso é assumido por um sujeito

em um espaço e um tempo; o discurso possui certas normas; o discurso é inscrito em um interdiscurso, num dialogismo e, por fim, o discurso constrói socialmente o sentido das coisas. Outros termos relevantes definidos no livro são o “texto” e o “corpus” e as “disciplinas ou abordagens do discurso”, tais como a Análise do Discurso, a semiótica, a etnografia da comunicação, a análise crítica do discurso, a sociolinguística, a pragmática, a linguística sistêmico-funcional, a retórica etc. Para o autor, devemos perceber que “discurso” não é simplesmente a soma de “texto” e “contexto”, como afirmado ao invocar a voz de Adam: tal fórmula nos leva a enxergar uma oposição e complementaridade entre os termos, quando o que ocorre é uma sobreposição e recobrimento entre os dois conceitos dependendo da perspectiva de análise. Com relação ao “corpus”, esse pode ser visto como um conjunto de textos ou como um único texto. O primeiro tópico se encerra com uma reflexão sobre a análise “crítica” do discurso.

Na segunda parte do livro são elencadas certas categorias, nomeadas por Maingueneau de “unidades tópicas” e “unidades não tópicas”. O discurso é sempre passível de diversas categorizações, algumas já consolidadas, outras um pouco mais especulativas. De acordo com o autor, a distinção imposta naturalmente entre os tipos de categorizações se encontram justamente nessas duas, as unidades tópicas, que seriam aquelas já prontas, pré recortadas e as não tópicas, as que são elaboradas pelos pesquisadores. Alguns exemplos de unidades tópicas seriam os gêneros, tipos e campos de discurso (um panfleto político, por exemplo, é um gênero pertencente a um tipo de discurso que é o político e que oferece um posicionamento que indica um campo discursivo); as esferas e lugares de atividade (um gênero pode estar relacionado a várias esferas, um artigo de jornal, por exemplo, se relaciona com a esfera midiática e a esfera imprensa regional e está em um lugar institucional específico); a valência genérica que pode ser interna ao texto ou externa

ao texto e se relaciona com a marginalização ou desaparecimento de certos gêneros; e os tipos de locutores e autores que podem ser coletivos ou individuais. Já as unidades não tópicas são construídas pelo analista com base em unidades tópicas. Elas existem por que, sozinhas, as unidades tópicas não dão conta da complexidade do discurso em funcionamento. A unidade não tópica mais imposta é a noção de formação discursiva: conjunto de restrições e atravessamentos transversais e invisíveis sobre as unidades tópicas. Outras unidades não tópicas citadas são o “percurso” e o “registro”, quando o autor aponta para o conceito de “pequenas frases” já abordado por ele mesmo em trabalhos anteriores. A relação da formação discursiva além de ocorrer com o gênero, obra, disciplina (unidades tópicas) analisada, também se realiza com a questão do tema e da identidade.

Finalmente, na terceira parte, o autor discorre sobre alguns elementos que fazem parte do universo discursivo, como o caso da diversidade genérica, remetendo a Bakhtin e classificando-a em três grandes tipos de gêneros (noção já trabalhada em outros livros do autor): os gêneros autorais (ensaios, dissertações etc), os gêneros rotineiros (o debate televisivo, a consulta médica etc) e os gêneros conversacionais (conversas imediatas, familiares etc). Nesse tópico, Maingueneau também faz uma relação entre o gênero do discurso e a cena de enunciação (conceito já instituído por ele, com a tricotomia cena englobante, que equivale ao tipo de discurso; cena genérica, o gênero do discurso e a cenografia, que são certas normas que constituem uma enunciação). Outros conceitos do autor são revisados e atualizados como as enunciações aforizantes e as enunciações textualizantes. Aqui, também é feita uma interessante relação com o conceito de hipergênero – um gênero discursivo com restrições cenográficas frágeis que faz recobrir outros gêneros – e as práticas discursivas digitais. Dessa maneira, Maingueneau propõe certas categorias de análise para os discursos da web, uma prática discursiva

contemporânea multimodal, como o caso das três formas de textualidades digitais: as imersas (conversação); as planejadas (oral e escrita) e as navegantes (fabricação de hipertextos).

Obra de leitura fluida e clara, muito útil tanto para iniciantes interessados pelo assunto, quanto para pesquisadores que já desenvolvem trabalhos sobre o tema, já que são estabelecidos alguns panoramas com diversas correntes que influenciam ou se assemelham à perspectiva da Análise do Discurso, além de trazer novos operadores analíticos para os discursos contemporâneos.

Recebido em 11 de abril de 2016

Aceite em 21 de novembro de 2016

Como citar esta resenha:

ANGRISANO, Rafael Magalhães. O percurso histórico e as questões teóricas e metodológicas da análise do discurso. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 18, jul-dez 2016. p 729-733. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num23/resenhas/palimpsesto23resenha02.pdf> >. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507.